

IDADE NÃO É VELHICE

Corria a brisa, suave, no Outono calmo e morno. Mariana caminhava serenamente, sob as árvores, e as folhas, debaixo dos seus pés, emanavam sons docemente ritmados, a cada passo.

Num banco pintado de azul, estava sentado um homem, nem novo, nem velho, vestindo uma camisola, também azul.

Ela olhou para ele e sentiu vontade de bailar. Por vezes, sentia dentro de si um impulso tão forte de se soltar e dançar, que, se estava em casa, não resistia e ensaiava alguns passos sobre a tapete macia da sala – eram valsas, tangos, rock, dependendo da disposição do momento. E não se sentia nada ridícula, apesar dos seus oitenta e muitos anos. Nesses momentos, revivia os seus bailes da juventude, os seus amores há muito perdidos, mas não esquecidos, e sentia um vago anseio, um ligeiro acelerar do bater do coração. E sonhava...Sonhava que ainda poderia viver um grande amor, que ainda poderia ser útil a alguém, que ainda poderia criar algo de valioso e único. Então, sentava-se à velha secretária, já com alguns pequenos buracos do caruncho, e começava a escrever – contos, poemas, letras para músicas, que ouvia mentalmente. Depois, guardava os textos na gaveta da secretária e fechava-a à chave, não fossem os netos ou os bisnetos descobri-los. Outras vezes, ia esperar a sua bisneta mais velha, a Sara, à saída da escola. A Sara era quem mais curiosidade manifestava em relação àquela gaveta, sempre trancada. Era também a pessoa de quem se sentia mais próxima, um elo tão forte, que estremecia de ternura só de pensar nela.

Parou, perto do banco, e o homem, nem novo, nem velho, fitou-a com uma expressão de reconhecimento. Tinha um rosto um pouco cansado, mas afável, o que a fez decidir-se a sentar-se a seu lado. Durante breves instantes, interrogou-se sobre a reacção que o homem teria se ela o convidasse para dançar no parque. Claro que não o faria, chamar-lhe-iam louca, mas era exactamente isso que lhe apetecia. Há tanto tempo que dançava sozinha...

- Desculpe, a senhora não é a avó da Sara?

- Bisavó! E o senhor, deveria reconhecê-lo?

- Sou pai da professora dela, a Marta. Aposentei-me recentemente e, por vezes, vou até à escola e conto histórias às crianças. A Sara ouve-me sempre com muita atenção, com aqueles olhos tão expressivos a beberem-me as palavras. E há dias, falou da avó Mariana que, segundo ela, é uma grande amiga. Depois, à saída, lá estava a senhora. Deduzi que seria a avó Mariana.

- Sou mesmo. E acabou de me dar uma ideia maravilhosa. Tenho escrito alguns contos infantis, que nunca mostrei a ninguém, por não estar segura da sua qualidade. Penso que vou lê-los à Sara e, se ela gostar e a professora concordar, poderei ir lê-los também para as outras crianças da sua classe.

- Gostaria muito de ler esses contos. E se mos mostrasse? Sabe, fui professor de literatura e, se quiser, poderei dar-lhe a minha opinião. Além disso, o meu filho possui uma editora e é também ilustrador de contos infantis. Talvez fique interessado...Ouvi-o dizer, há dias, que andava à procura de novos autores.

- Novos? Ah! Ah! Não serei eu, com certeza!

- Olhe, vamos combinar o seguinte: entrega-me os seus contos e eu levo-os ao meu filho, sem lhe dizer a sua idade. E logo veremos o que acontece.

Passara já o Outono e o Inverno, e a Primavera surgia em todo o seu esplendor. No parque, árvores e flores brilhavam sob o Sol da manhã. A professora Marta trouxera os meninos, que, sentados sobre a relva, ouviam atentamente a história que a D. Mariana, expressivamente, lia. De vez em quando, fazia uma pausa e bebia um gole de água; depois, olhava para as crianças com ternura e elas podiam ver o brilho do seu olhar.

Um homem, nem novo, nem velho, com uma bela camisola azul, aproximou-se. Esperou que a leitura terminasse e disse:

- D. Mariana, peço-lhe desculpa por tê-la feito esperar tantos meses, mas só agora o meu filho teve oportunidade de ler os seus textos. Ficou muito interessado em editar, quer os poemas, quer os contos infantis, que quer também ilustrar. Que lhe parece?

- Que me parece?! Parece-me que vou dançar!

E pegando na mão daquele homem, nem novo, nem velho, arrastou-o consigo e rodopiaram juntos, sobre a carpete macia de relva, perante a surpresa e o encantamento de alunos e professora, que os aplaudiram com uma forte salva de palmas.

Isabel Pereira Rosa